

Armindo de Moraes
Universidade Aberta
Bolseiro FCT

***E coisa e tal* – algumas considerações sobre o uso de Linguagem Vaga em Enunciados Narrativos Oraís**

Um estudo empírico sobre realizações autênticas de enunciados produzidos em situação de interacção oral permite identificar o uso recorrente de palavras e expressões caracterizáveis pelo maior ou menor grau de imprecisão do seu conteúdo semântico.

Por contraposição a um falante “ideal” que se exprimiria sempre de uma forma clara e precisa, o falante “real”, em função da situação e contexto de comunicação, parece optar conscientemente por unidades linguísticas de conteúdo vago que, aparentemente, melhor se adequam à sua percepção da situação comunicativa e aos seus objectivos de comunicação.

Procurando compreender o funcionamento daquilo que vem sendo definido na literatura como Linguagem Vaga, subscrevemos a definição operatória do fenómeno proposta por Channell (1994: 20), que passamos a reproduzir:

“An expression or word is vague if:

- a. it can be contrasted with another word or expression which appears to render de same proposition;
- b. it is ‘purposely and unabashedly vague’
- c. its meaning arises from the ‘intrinsic uncertainty’ referred to by Peirce.”

Ao mesmo tempo, e no quadro da perspectiva funcional que adoptamos, servimo-nos da noção de *desfocalização* enquanto processo de afastamento da atenção do interlocutor de um determinado foco de acção comunicativa (Kallmeyer, 1978), bem como da noção de *envolvimento* (Tannen: 1989) para procurar compreender a utilização das palavras e expressões em causa.

No presente estudo, aplicámos o enfoque acima delineado a um *corpus* de 50 Enunciados Narrativos produzidos em Situação de Interacção Oral, com os seguintes objectivos:

1. Construir uma tipologia de palavras e expressões vagas a partir das seguintes categorias identificadas em estudos anteriores (Channell, 1994) : quantificadores numéricos aproximativos (ex: mais ou menos X); números sem valor exacto (ex: 99%); quantificadores vagos não-numéricos (ex: um monte de); expressões vagas referentes a categorias (ex: X ou isso, X, e coisas assim); palavras-“passe-partout” (ex: coisa)
2. Identificar a função destes usos nos textos analisados.
3. Confirmar a hipótese de uma função de organizador textual para alguma das expressões levantadas.

Carla Teixeira
FCSH-UNL

O discursivo argumentativo em algumas novelas de Manuel Teixeira-Gomes

A argumentação ou a retórica, no início historicamente indissociáveis, é uma actividade inerente aos momentos da Democracia grega; depois, foi perdendo progressivamente a sua capacidade específica da retórica para serem evidenciados os seus aspectos de embelezamentos dos textos.

As teorias que hoje em dia estudam a argumentação afirmam que esta está presente em todos os momentos em que comunicamos, pois temos sempre a intenção de convencer o outro do nosso ponto de vista. Assim, entende-se que existe sempre uma intenção argumentativa global no discurso, explícita ou não.

Ducrot e a teoria polifónica da enunciação com o seu estudo *Argumentation dans la Langue* (identificação das diferentes vozes enunciativas responsáveis no enunciado), Grize (argumentação no sentido lato) e Adam (estudo de conectores de conexão, de reformulação e argumentativos) são autores de referência nesta problemática.

Os textos literários poderão ser considerados um excelente exemplo de textos cuja produção reflexiva denotará uma argumentação mais elaborada, ou seja, uma intenção argumentativa global pensada ou ponderada pela sua entidade enunciativa.

A intenção persuasiva inerente a qualquer acto de fala não deverá ser desprezada no caso da selecção de exemplos retirados de *Novelas Eróticas*, de Manuel Teixeira-Gomes, um conjunto de textos de carácter biográfico cujas jovens, belíssimas, são apresentadas como responsáveis pelos acontecimentos singulares relatados, sendo que o narrador se exclui de qualquer tipo de responsabilidade pelos mesmos.

Carmen de Jesus Santos
FCSH-UNL

Da competência discursiva à Análise Interactiva do Discurso

O nosso trabalho pretende discutir a importância da perspectiva da **Análise Interactiva do Discurso** (AID) na análise de discursos infantis (discursos didáticos e discursos jornalísticos) e no desenvolvimento de perspectivas/ teorias da educação infantil, tendo em conta o desenvolvimento da **competência discursiva** de cada criança. A valorização da importância da AID servirá para uma possível integração da nossa perspectiva (da AID) no âmbito de uma “Linguística Educacional”.

Consideramos pertinente apoiarmo-nos na perspectiva de competência discursiva de Charaudeau:

«La compétence discursive (...) exige de tout sujet qu'il soit apte à manipuler – reconnaître les procédés de mise en scène discursive qui feront écho aux contraintes situationnelles ainsi que les savoirs de connaissance et de croyance supposés partagés et témoignant d'un certain positionnement.» (Charaudeau & Maingueneau, 2002: 114)

Na perspectiva em que nos colocamos (da Análise Interactiva do Discurso), partimos do princípio de que cedo o ser humano adquire uma competência discursiva, que Auchlin (2001) descreve como um «organe de l'expérimentation discursive» (...) «ayant à charge d'élaborer en expérientiation le traitement séquentiel d'unités linguistiques, et inversement d'articuler l'expérience interne en séquences d'unités linguistiques.» (Auchlin, 2001: 2)

Poderemos, assim, afirmar que a competência discursiva é um processo adaptativo em relação a **interacções discursivas**, por outras palavras, quando o locutor/ interlocutor lê ou escreve, mobiliza esquemas interiorizados na sua competência discursiva e, em simultâneo, assimila novos sentidos, significados para que se possa “adaptar” à nova **situação discursiva**, isto é, a situação socio-histórica e cultural em que se insere durante uma interacção.

Cátia Fialho
FCSH-UNL

Um Estudo do Condicionamento da Leitura em Manuais Escolares de Português do 3º Ciclo do Ensino Básico

Os manuais escolares desempenham um papel preponderante na produção e reprodução do discurso pedagógico. O objecto de observação da dissertação que se apresenta centra-se precisamente nesse recurso educativo e parte-se do pressuposto que os manuais constituem a base das orientações pedagógicas.

Observa-se a predominância de “Enquadradores Discursivos” e “Solicitações”, recorrendo à terminologia de Maria de L. Dionísio, nos manuais escolares de português; o que reflecte uma forte componente condicionadora da leitura.

Assiste-se ainda a um apagamento dos elementos que poderiam eventualmente estar relacionados com o leitor, a que este pudesse aceder a partir das suas próprias vivências, dos seus conhecimentos prévios, de experiências de leitura anteriores, o que traz implicações não só a nível interpretativo, como de motivação para a leitura e consequente proficiência da mesma.

A individualização do processo de leitura pressupõe uma adequação da tipologia das perguntas que constituem os denominados “questionários”, bem como dos “enquadradores” (terminologia de Dionísio). Rodrigues, M. C. Carapinha elaborou uma criteriosa classificação de perguntas e explorou as dimensões sequenciais e interactivas dos actos locutórios, focando a sua atenção no par ‘pergunta-resposta’ e evidenciando as constricções exercidas pela pergunta.

As respostas não deverão depender de “enquadradores interpretativos” ou ser orientados através de “solicitações”, o leitor deverá receber como proposta de leitura um conjunto de dados que não constituam uma imposição de informação nova ou o resultado de uma relação de informações do texto pré-estabelecida por outros.

Procuramos ainda demonstrar a importância que a informação não-visual poderá assumir no processo de leitura, apelando ao conhecimento da linguagem dos pré-construídos culturais do aluno e à familiaridade com o contexto que poderá funcionar como auxílio base do leitor que assim poderá não sobrecarregar a sua memória que facilmente acede aos paratextuais.

Teresa Oliveira
FCSH-UNL / Instituto Superior de Portalegre

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A TRADUÇÃO DOS TEMPOS VERBAIS

Com o meu projecto de doutoramento sobre **Os valores de intersubjectividade na análise semântica**, pretendo (1) analisar os marcadores linguísticos de subjectividade, assumindo a marcação da subjectividade como produto de um cruzamento de categorias linguísticas e a existência de diversos tipos e níveis de sujeito; (2) proceder a uma análise transcategorial, dando conta da forma como as categorias linguísticas (determinação nominal, modalidade, tempo, aspecto, diátese...) interagem na construção dos sujeitos e das relações intersubjectivas.

A proposta de trabalho a partilhar surge no âmbito de um projecto de análise comparativa de traduções portuguesas de textos franceses. Pretendo analisar uma das questões levantadas pelo confronto dos textos, a saber, a tradução para o português de tempos verbais do francês. Partindo da descrição dos valores de alguns tempos verbais, em particular o condicional e o futuro, pretendo explicar a sua diferente utilização nas duas línguas.

Entendo os tempos verbais como marcadores de categorias (tempo, aspecto, modalidade), que desencadeiam valores na e pela enunciação. Cada valor caracteriza-se por um conjunto de propriedades (definidas em função de um determinado número de operações abstractas) que permite delinear uma invariância de funcionamento, deixando espaço para uma plasticidade que decorre da interacção com outros valores subjacentes aos enunciados.

A assimetria na utilização dos tempos verbais em diferentes línguas prende-se com diversos factos e mostra como é possível, numa língua, um tempo verbal perder ou ganhar um determinado valor que, noutra língua, está associado a um tempo diferente, revelando, assim, alguns valores que lhe são próprios e exclusivos.

Isabel Simões Marques
FCSH-UNL / Université Paris 8

Algumas marcas plurilingues no romance português contemporâneo

A nossa comunicação apresentará o estado de arte da nossa tese cujo título é o seguinte: “O plurilinguismo no romance português do século XX: configurações linguísticas e textuais”.

O plurilinguismo, é segundo a nossa terminologia, o facto de várias línguas estarem presentes num mesmo texto. Essas línguas podem ser estrangeiras e trata-se então do empréstimo linguístico (que pode ser semântico, sintáctico ou morfológico) e do discurso bilingue ou plurilingue. Na nossa tese, interrogamo-nos sobre as suas formas, funções e efeitos. As obras que escolhemos estão situadas em marcos importantes da sociedade portuguesa (ou seja, antes e depois do 25 de Abril), mas também da literatura o que nos permitirá relacionar a sua data de publicação e o modo de presença do plurilinguismo. O propósito do nosso estudo é de analisar as diferentes configurações a nível linguístico e também textual. Veremos que há um acréscimo do sentido denotativo e conotativo e analisaremos o que leva os diferentes narradores e personagens a exprimirem-se em línguas diferentes. Para tal, conceitos tais como o dialogismo, a intertextualidade, a polifonia e as focalizações, desenvolvidos de maneira notável por Bakhtine, Kristeva e Genette serão considerados.

Outros domínios entrarão no nosso estudo. A sociolinguística e estudos do sociólogo Pierre Bourdieu, permitir-nos-ão encarar a importância social da língua com conceitos tais como os sociolectos. O domínio da psicolinguística permitir-nos-á aprofundar a reflexão sobre os mecanismos cognitivos dos locutores. A nossa pesquisa levar-nos-á a abordar os contextos de enunciação e a maneira como o estrangeiro (personagem e contexto) é representado nas obras analisadas. Encaramos o plurilinguismo como o processo ligado não só ao contacto das línguas mas também das populações.

Ana Castro
FCSH-UNL

Os possessivos em português

Nesta comunicação são apresentados alguns aspectos da gramática dos possessivos em Português, que inclui formas simples e preposicionadas. Mostra-se que os possessivos simples em Português têm duas séries homófonas: os possessivos pré-nominais só ocorrem em contextos definidos (como em Francês e Inglês e ao contrário do Catalão e do Italiano); os possessivos pós-nominais ocorrem em contextos não definidos. Assumindo o modelo teórico da Gramática Generativa, propõe-se que os primeiros são gerados em D, a posição em que definitude é interpretada. Esta proposta permite explicar os contrastes observados relativamente aos possessivos simples pré e pós-nominais em contextos de modificação por advérbios fortes e fracos, de coordenação e de foco.

Propõe-se ainda que a variação nas construções com possessivos pré-nominais em Português - presença do artigo definido em Português Europeu (PE) versus ausência em Português Brasileiro (PB) - se deve, não a diferenças na gramática dos possessivos, mas a diferenças no sistema dos determinantes. Uma vez que essa variação se estende a construções com nomes próprios e genéricos, propõe-se que todas estas construções envolvem um artigo definido expletivo (semanticamente vazio), foneticamente realizado em PE e nulo em PB.

Na terceira pessoa, o Português apresenta dois tipos de formas possessivas: *seu* e *dele*. *Seu*, ao contrário de *dele*, é uma forma ambígua porque não especificada completamente com traços-phi (género e número). Dados de corpora de língua escrita e oral permitem-nos contrariar a ideia de que *dele* está a substituir *seu*. Em PE e em PB, as duas formas não são equivalentes: *dele* é um pronome que só ocorre com antecedentes referenciais enquanto *seu* pode ocorrer também com antecedentes não referenciais (quantificados e genéricos).

Fernanda Pratas
FCSH-UNL

Aspectos da gramática do cabo-verdiano

O cabo-verdiano é uma língua crioula de base lexical portuguesa, cuja génese terá ocorrido há cerca de três/quatro séculos a partir do contacto de uma (ou mais) variedade de português e de línguas de escravos mandingas, balofos e papéis. Não sendo ainda hoje língua oficial em Cabo Verde, é no entanto a língua materna os 400 mil habitantes das suas nove ilhas habitadas (embora com variedades internas), e também por cerca de um milhão de cabo-verdianos na diáspora.

Diversos estudos linguísticos têm descrito a sua gramática; numa perspectiva generativista o mais relevante é o de Marlyse Baptista (1997, 2002...). O objectivo dos meus trabalhos de doutoramento é o de descrever e analisar, à luz dos pressupostos teóricos da Gramática Generativa, alguns fenómenos específicos do cabo-verdiano: ausência de sujeitos referenciais nulos (1); obrigatoriedade de sujeitos expletivos nulos (2); consequências da ausência de morfologia de acordo fonologicamente realizada (3) para o comportamento do verbo na frase; marcação de tempo, modo e aspecto (4).

- (1) a. *Djon_i sabi ma el_{ij} e spertu*
'O João_i sabe que ele_{ij} é esperto'
b. **Djon_i sabi ma pro_i e spertu*
'O João_i sabe que *pro_i* é esperto'

- (2) a. *El sta duenti*
'Ele está doente'
b. **Sta duenti*
'Está doente'

(3)

<i>N kanta</i> (Eu cantei)
<i>Bu kanta</i> (Tu cantaste)
<i>Nhu kanta</i> (O senhor cantou)
<i>Nha kanta</i> (A senhora cantou)
<i>E kanta</i> (Ele ou Ela cantou)
<i>Nu kanta</i> (Nós cantámos)
<i>Nhos kanta</i> (Vós cantastes)
<i>Es kanta</i> (Eles ou Elas cantam)

(4)

	Verbos não estativos
Passado simples	<i>E odja</i> 'ele viu'
Presente simples	<i>E ta odja</i> 'ele vê'
Progressivo (Pres.)	<i>E sata/ sta ta odja</i> 'ele está a ver'
Imperfectivo (Pass.)	<i>E ta odjaba</i> 'ele via'
Progressivo (Pass.)	<i>E sata / ta staba ta odjaba</i> 'ele estava a ver'

Nesta comunicação pretendo apresentar uma breve síntese das minhas propostas a respeito destes fenómenos.

Paulo Alexandre e Castro Cardoso
(Doutorando em Filosofia FCSH-UNL)

**Consciência, mente e cognição: (per)versões da subjectividade do
'eu'.**

O discurso contemporâneo procura encontrar no cruzamento de diferentes áreas do saber (a neurobiologia, a linguística, a filosofia da mente, a fenomenologia, entre outras) o estabelecimento de definições válidas que permitam descortinar um entendimento sobre a realidade humana. O esclarecimento das condições do aparecimento do 'eu', seja na consciência seja na mente, prefigura a possibilidade de um discurso de uma teoria geral da humanidade no homem.

Este ensaio procura demonstrar que a formulação de um tal discurso, embora desejável, está à partida comprometido pela dificuldade inerente à definição do pronome 'eu', e portanto, de um lugar tão subjectivo como a consciência para alojar a afirmação da identidade do sujeito em acção. Este tipo de problematização ressoará em diferentes formulações de que encontramos registos em Kant, Sartre, Wittgenstein, Ricoeur, Changeux, Damásio, Dennett, Nagel, entre outros. São versões e perversões em torno da subjectividade, e portanto, da linguagem que quer dizer o ser do ente.

Matilde Gonçalves
FCSH-UNL / Universidade Paris 8
Bolsreira da Fundação Calouste Gulbenkian

Perspectivas linguístico-textuais da escrita fragmentária na literatura portuguesa

A modernidade está associada à descontinuidade e à fragmentação, veja-se a emergência de termos como “atomização”, “fractais”, “caos”, “descontínuo”. O tema do nosso trabalho é a fragmentação e suas configurações linguísticas e textuais na literatura portuguesa (segunda metade do século XX). Mais concretamente, esta investigação propõe-se estudar a construção de sentido na escrita fragmentária. A utilização do termo *fragmentação* denota o interesse pela narrativa que se assemelha a uma “aparente” desconstrução.

Numa primeira parte indagaremos a maneira como se manifesta a enunciação afim de evidenciar a existência de um “eu cognitivo fragmentado” (conceito desenvolvido por Francisco Varela).

Na segunda parte, procuraremos dar conta de alguns parâmetros textuais caracterizadores da escrita fragmentária no romance português (segunda metade do século XX), visto que o texto é o lugar concreto da inscrição do eu.

A descontinuidade inerente a este tipo de escrita – da qual surge um movimento perpétuo de interromper e recomeçar – exige do leitor uma participação activa na construção de sentido e é nesse intuito que nos debruçaremos, numa terceira e última parte, na edificação dos “percursos interpretativos”.

Audria Albuquerque Leal
FCSH-UNL

A infra-estrutura do gênero *Cartoon*

O *cartoon* está em algum lugar entre um gênero padronizado e outro de elaboração mais criativa. Não podemos negar que esse gênero é reconhecido mais pela sua estrutura formal do que propriamente por sua função. Sem querer desmerecer o aspecto fundamental do objetivo do uso de um gênero, acreditamos que a construção composicional aponta caminhos para a análise do funcionamento do texto em suas formas de complexidade variáveis. Partindo dessa idéia, propomos como tema desse trabalho a análise da infra-estrutura do gênero *cartoon*. O trabalho constitui-se dentro de uma linha de investigação sobre estudo de gêneros textuais inserido no campo da Teoria do Texto. A perspectiva teórica adotada é o Interacionismo Sócio-Discursivo (ISD) proposto pelo linguísta Bronckard (1999). Para a nossa pesquisa, seguiremos o modelo de análise de textos proposto por esse autor (1999), assumindo que, através desse modelo de análise, podemos observar os efeitos das situações de comunicação sobre o funcionamento de uma língua natural. De acordo com esse modelo, quando um agente se depara com uma dada situação de ação de linguagem, ele realiza uma série de operações psicológicas relativas à mobilização de representações a respeito dos mundos (físico, social e subjetivo), o que será feito em dois sentidos: como *contexto de produção* textual e como *conteúdo temático*. Essas operações determinam a escolha do gênero e, conseqüentemente, os aspectos relativos ao que o autor designa como *arquitetura textual* (infraestrutura, mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos). Assim, o modelo caracteriza-se como um instrumento de análise de textos que nos permite averiguar os aspectos que compreendem a produção textual, desde a situação comunicativa em que texto se realiza até aos elementos que o compõem, permitindo, inclusive, entender a frequência ou ausência de determinados elementos lingüísticos na constituição dos textos.

Ana Maria Cortes
FCSH-UNL

A composicionalidade textual como factor de construção do género

A abordagem que se propõe nesta comunicação visa o tratamento do texto na qualidade de objecto linguístico cuja complexidade se manifesta a dois níveis: ao nível da própria composicionalidade textual e, por outro lado, ao nível da relação estabelecida entre o texto e o género de que este necessariamente participa, aceitando-se à partida que 'texto' e 'género' remetem para categorias distintas.

A problemática composicional, tal como aqui a pretendemos desenvolver, centrar-se-á nos tipos de unidades e / ou processos linguísticos susceptíveis de entrar na composição dos textos que integram um determinado género – no caso que nos interessa, o *anúncio publicitário*. Em consequência deste facto, as regularidades / irregularidades que ao nível da tipologia de unidades e processos podem ser encontrados – com todas as especificidades inerentes ao género escolhido para análise – permitem-nos, numa fase posterior, deslocar a questão composicional para o âmbito das questões relacionadas com os géneros textuais.

Levantamos, assim, a hipótese, de que o problema da composicionalidade textual se possa constituir, em primeira instância, como um problema de género e que o texto possa não ser, afinal, o objecto primeiro da produção linguística dos sujeitos mas antes uma consequência da aplicação empírica dos modelos de género disponíveis na sua memória e decorrentes das suas experiências com os textos. Além disso, pensamos que o carácter recorrente (ou não) das regularidades / irregularidades composicionais associadas aos textos poderá funcionar como um importante factor de construção / estabilização do próprio género textual, no sentido em que permite estabelecer os padrões necessários à construção dos modelos de composição que orientam a elaboração de todo o texto empírico e, a um outro nível, do seu género.

Florencia MIRANDA
FSCH – UNL / Universidad Nacional de Rosario (Argentina)
Bolsaira FCT

**“Diga o que tem a dizer/Mas em bom português” – uma reflexão
sobre as relações entre língua e géneros de texto**

Assumindo que o *Fórum de Partilha Linguística* é um espaço de confluência das diversas perspectivas que configuram um campo de investigação complexo (a Linguística), o objectivo da minha comunicação é pôr em circulação e discussão uma das problemáticas fundamentais da perspectiva em que me situo (uma Teoria do Texto): as relações entre o sistema da língua, o seu funcionamento social e os géneros textuais.

No âmbito dos estudos linguísticos dos textos, a noção de *género* vem ganhando um espaço cada vez mais central (cf., entre outros, Adam 1999 e 2005; Bronckart 1997; Maingueneau 1998 e Rastier 2001). A centralidade desta noção prende-se, entre outras razões, com a necessidade de questionar o pressuposto da existência de “regras de boa formação textual” universais e válidas para qualquer materialização da língua em uso (isto é, para todo e qualquer texto). Na sequência disso, esta comunicação visa reflectir acerca de alguns aspectos da relação língua/géneros. Para iniciar a reflexão, tomaremos como ponto de partida um dos argumentos utilizados numa campanha publicitária desenvolvida em 2005 para a secção “*Classificados*” do *Diário de Notícias*. A partir daí, uma análise mais aprofundada deste exemplo permitir-nos-á colocar a questão geral das relações entre língua e géneros e, em particular, a problemática da “boa formação textual” (ou, se preferirmos, do “bom português”).

O exemplar em análise – um anúncio publicitário que ficcionaliza dois anúncios classificados – faz parte do corpus da minha investigação de Doutoramento em Linguística (Teoria do Texto), intitulada “*Textos e géneros em diálogo – uma abordagem linguística da intertextualização*”.